

Texturas do discurso histórico – apontamentos para um estudo da linguagem dos textos historiográficos latinos

Leni Ribeiro Leite¹

Resumo: A partir do conceito de *textura* do historiador indiano Sanjay Subrahmanyam, procuramos iniciar uma investigação acerca do discurso histórico em língua latina. Este artigo traça um primeiro caminho de reflexão acerca dos elementos discursivos que caracterizariam o discurso histórico latino.

Abstract: Having as a starting point the concept of *texture* as explained by the Indian historian Sanjay Subrahmanyam, we have started an investigation of the characteristics of historic discourse in Latin. This article intends to point out the first results of our observation of the elements that characterize historic Latin texts.

O presente trabalho parte da leitura do livro *Textures du temps – Écrire l’histoire em Inde* e, tendo em vista o conceito de *textura* conforme esboçado pelo autor, o historiador indiano Sanjay Subrahmanyam, na introdução ao livro citado, busca estabelecer alguns caminhos de reflexão acerca da textura no estabelecimento de textos como “históricos” ou “não-históricos”.

Em sua exposição, Subrahmanyam tem em mente as línguas da Índia, sobre as quais não possuímos qualquer conhecimento que possibilite a análise. Entretanto, indagamo-nos acerca da possibilidade de aplicação de tais conceitos aos textos em língua latina, e pareceu-nos que seria possível uma análise similar aplicada a este idioma. As semelhanças entre as situações de ambos os idiomas foi uma das razões que nos levaram a tal aproximação, em especial no que concerne ao status de “história” de determinados textos. Subrahmanyam defende, no referido livro, que muitos dos textos da Índia pré-colonização britânica eram considerados textos legitimamente históricos no momento de sua produção, tendo perdido tal reconhecimento posteriormente, sob o olhar da *História* como se estabeleceu na Europa dos séculos XVIII e XIX. Da mesma forma, muitos dos textos latinos do período clássico eram considerados pelos contemporâneos como textos históricos, e, no entanto perderam, tal *status* junto aos historiadores contemporâneos.

¹ Doutora em Letras Clássicas (PPGLC-UFRJ), Professora Adjunta de Língua e Literatura Latina da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Contato: leni.ribeiro@terra.com.br

Certamente, não se pode perder de vista que, diferentemente dos textos indianos, os textos latinos estão incluídos no arcabouço cultural da civilização ocidental e que, portanto, de alguma forma contribuíram com o estabelecimento dos critérios de historicidade atuais. Ainda assim, muitos dos historiadores latinos que se conheciam como tal são hoje caracterizados como *fontes historiográficas*, negando-se a eles o reconhecimento como historiadores. Há outros ainda que são tratados como “precursores da história”, como se a eles faltassem ainda traços que os caracterizem plenamente como historiadores. A hipótese de que a própria textura das obras dos autores influencia na análise que delas faz a contemporaneidade foi uma com que nos deparamos no decorrer da leitura do texto de Subrahmanyam e que nos pareceu especialmente fecunda.

Subrahmanyam enumera alguns elementos aos quais se deve atentar para que se possa discernir a *textura* de uma escritura, na busca de aclarar sua historicidade, tais como a distinção entre *factual* e *ficcional*, essencial e patente para os falantes de uma língua – mas não tão clara para os não-falantes daquele mesmo idioma. Há ainda citados pelo autor: marcadores, operadores de mudança discursiva, sintaxe, escolha lexical, indicadores semânticos, densidade e intensidade da expressão, ausências e silêncios estruturais, dispositivos métricos, indicadores diversos de estética sonora, entre outros.

Assim, num primeiro momento buscando uma elucidação maior do que era compreendido como história para os contemporâneos dos textos e autores latinos que selecionamos como exemplares, procuramos analisar os elementos apontados pelo autor como configuradores da *textura* em textos latinos tidos como historiográficos, em comparação como textos compreendidos como não-historiográficos pelo público receptor da época, e estabelecer em que medida tais elementos estão de acordo com a interpretação de história conforme os padrões ocidentais modernos. Para tanto, utilizamos em especial as obras de Tito Lívio e Eutrópio, visto que estes autores têm *status* diferentes: enquanto Tito Lívio se reconhece e é reconhecido como historiador, Eutrópio é denominado pela fortuna crítica “epitomador” – ou seja, uma categoria que já não pertence à história, ainda que guarde algumas fronteiras com ela.

Uma primeira busca por elementos nos textos em língua latina considerados historiográficos, por oposição aos textos designados como literários, levou-nos a algumas observações que apontam para uma gama enorme de possibilidades de reflexão

sobre a textura dos escritos historiográficos baseada nos elementos lingüísticos. O presente trabalho aborda apenas alguns elementos da sintaxe, da densidade da expressão e da escolha lexical, esperando que as conclusões iniciais aqui apresentadas possam contribuir com uma pesquisa mais vasta e de maior expressão a respeito do tema.

Os historiadores latinos têm um lugar considerável na sobrevivência das letras latinas. Nunca deixaram de ser lidos, e tiveram grande impacto em autores como Montesquieu e Racine, sem contar o sem número de gerações que leram César e Salústio como exemplos de língua latina. No entanto, os textos dos historiadores latinos – compreendendo aqui aqueles que a tradição nos legou como historiadores, ainda que alguns não o sejam mais assim considerados modernamente – parecem ter um lugar mais de representantes da glória de Roma do que de pesquisadores cujos trabalhos devam ser tomados seriamente. Afinal, o historiador antigo não é um pesquisador científico, mas antes um escritor. O termo *historía*, do grego, significa simplesmente “busca” ou “pesquisa”. Em latim, a matéria da história são as *res gestae*, ou seja, os fatos que se cumpriram, as ações que foram feitas.

Cumprimento portanto observar a primeira grande diferença na visão que se tem da história. Se a partir do século XIX a História deve analisar a história, no mundo romano o historiador era aquele que a *contava*. Algumas vezes, ele a analisa ao contá-la; mas enquanto o historiador do século XIX vê o passado como uma coleção de documentos que ele deve examinar racionalmente como as peças de um quebra cabeças, mantendo níveis adequados de assepsia, evitando a contaminação com o julgamento pessoal, os sentimentos, as paixões, o historiador antigo ignora tal concepção de *verdade histórica*, de trabalho com fontes, de impessoalidade. Isso não significa que ele se abstém de se perguntar acerca da veracidade dos eventos, mas os critérios para alcançar tal verdade são diversos: o testemunho concordante de autores predecessores em que se confie, a persistência de uma tradição oral sólida, a verossimilhança de atos e personagens; tais são, para o historiador antigo, as bases para a aceitação de um fato como verdadeiro.

O historiador antigo não usa notas de rodapé. Quanto a isso, diz Paul Veyne (1987: 22-23): o hábito de citar autoridades não nasceu com a história, mas com as querelas do direito e da teologia. Os historiadores modernos propõem uma interpretação dos fatos e dão ao leitor os meios para verificarem as informações; os historiadores antigos verificam eles mesmos e não deixam tal trabalho ao leitor. Isso não quer dizer que eles

não tivessem clareza da diferença entre fontes de primeira ou de segunda mão, por exemplo. Apenas eram detalhes que faziam parte de seu ofício, e não interessavam ao público leitor. Sabe-se que os historiadores romanos tiveram acesso não só aos relatos anteriores, mas também buscavam as fontes privadas, as *laudationes funerarias*, documentos públicos e os *annales maximi*. No entanto, esta busca pelas fontes era parte dos bastidores do texto historiográfico, que não devia mostrar em sua superfície este trabalho, sob pena de se considerar que o autor que buscava apoio em citações alheias o fazia por não ser bom escritor ele mesmo.

Além disso, os liames afetivos entre o historiador e os fatos que ele narrava, normalmente o passado de seu povo, são profundos. O que lhe interessa são os exemplos do que fazer e do que não fazer: o que se pode aproveitar como lição da história para o futuro, numa atitude que se convencionou chamar de *historia magistra vitae*, numa tentativa de salvar sua cidade de um futuro sombrio.

A história latina tem ainda como característica principal o fato de ser *personalista*, ou seja, a história é centrada e explicada através de atos individuais. Tal compreensão tem reflexos mesmo em outras áreas da literatura e da vida, tais como a retórica. Alguns dos mais comuns exercícios de retórica e filosofia no mundo romano era aquele em que figuras históricas ou mitológicas gregas ou romanas, deveriam ser dissuadidas ou convencidas deste ou daquele ato, ou onde as especulações acerca de “o que teria acontecido se ...” eram o mote para exercícios de lógica e argumentação. A história dependia do pensamento e vontade de um único indivíduo, e essas personagens eram os detentores das virtudes definidoras do caráter romano. Assim, a monarquia desaparecera porque Tarquínio fora expulso; a república perecera porque César decidira atravessar o Rubicão, e assim por diante.

Tais características da história antiga, em comparação com a história conforme se estabeleceu modernamente, apontam já para as diferenças que podemos encontrar na textura das obras. É importante observar, ainda, que, se alguns historiadores, especialmente Tácito e Tito Lívio, que se reconhecem historiadores e se propõem a escrever grandes obras historiográficas, seguem a tradição grega e, por isso, em seus prefácios e mesmo no decorrer da obra devem proclamar seu desejo de veracidade e de imparcialidade em seus estudos, o mesmo o faz, muitos anos mais tarde, Amiano Marcelino, este já um historiador em outros moldes, pela própria diferença temporal que

o separa dos demais. No entanto, esta profissão de fé não encontra confirmação no decorrer das obras. Os autores apresentam seus textos de forma muito mais *jornalística* do que historiográfica, sob uma ótica moderna.

Muitos dos expedientes que eles usam parecem apontar para três características principais que definiriam seu modo de escrever, ou seja, seu discurso: a) a *concisão* ou *densidade* – isto é, os autores parecem buscar dizer muito em pouco espaço; b) a *concatenação da narrativa* – em que o autor parece buscar mostrar as relações de causa e efeito, a ligação íntima entre um fato e outro, entre uma personagem e sua ação, reforçando a verossimilhança do que conta e apresentando desta forma a sua análise dos fatos; c) a *compreensão* do texto, visto que os autores, sem abrir mão da elegância e da correção, primam por uma leitura agradável e clara; o historiador latino conscientemente insere-se na literatura latina.

Observamos, num primeiro momento, que são aparentemente preferidas pelos historiadores as estruturas que denotam *concomitância de ações*. Dentre estes elementos se contam a utilização de gerundivos e gerúndios, participípios presentes e conjunções subordinativas que adicionam a idéia de duração de ações. Pode-se observar que uso desses elementos não é o mesmo em outros tipos de narrativas, tais como os épicos e as ficções em prosa, como uma breve leitura da *Eneida* de Vergílio ou do *Satyricon* de Petrônio – um poema épico e um romance - atestam. A profusão de formas nominais de concomitância e das subordinativas nos textos históricos, nomeadamente os analisados, de Tito Lívio, César e Eutrópio é digna de nota, mesmo considerando o estilo de cada autor.

Esta observação conduz ao questionamento da razão da utilização massiva de outras formas nominais que não guardam a noção de presentificação da ação, tais como os participípios passado e futuro e os infinitivos perfeito e futuro. Parece então que os historiadores dão preferência aos elementos de sintetização de sentido, criando um texto denso. As formas nominais latinas, que costumam ser uma barreira enfrentada pelos alunos iniciantes, são consideradas “difíceis” justamente pela característica de “dizerem muito em uma só palavra”. Assim, parece lógico que os textos tradicionalmente historiográficos em latim fazem uso mais constante de termos “plenos de significado”, ou seja, densos.

Por outro lado, isso pode à primeira vista parecer em contraste com a observação de que os textos historiográficos costumam usar de períodos mais longos e subordinativos em sua construção. Esta é uma característica comum também aos textos retóricos, tais como os discursos de Cícero. Entretanto, parece ser possível levantar a hipótese de que os auto-denominados historiadores do mundo clássico romano davam preferência ao uso de períodos sintáticos longos, compostos por muitas orações subordinadas, com vistas a novamente uma densidade maior do texto. Mesmo Eutrópio, um autor considerado “leve”, tem frases com três ou mais subordinadas presas a uma principal.

Além disso, os períodos subordinados em excesso, tais como usados por Tácito, criam um segundo efeito: o de *concatenação dos fatos*. Lembremos aqui que a história, no mundo antigo, era um *gênero literário*, e não causaria nenhum espanto na Roma Antiga defender que o texto histórico deve, antes de tudo, ser um texto literário, bem escrito. A obra de história deve atender aos seus leitores, que não são um público especializado, como no mundo atual, e sim um grupo heterogêneo e muitas vezes não erudito. Assim, a subordinação na história, bem como na retórica, visa ligar os fatos, mantendo o interesse do leitor, “conduzindo” o leitor através da história, trazê-lo para junto da narrativa e, num expediente retórico comum, ganhar sua benevolência e aquiescência.

A título de ilustração, observemos um período do livro I da obra *Ab Urbe Condita*, de Tito Lívio:

Tarquinium moribundum cum qui circa erant excepissent, illos fugientes lictores comprehendunt.

É um período curto, que poderia ser traduzido livremente por: “Os lictores capturaram os assassinos enquanto fugiam, enquanto aqueles que estavam próximos seguraram Tarquínio, que estava morrendo.”

Podemos começar com uma análise da ordem dos termos na frase. A frase [é construída iniciando-se com o objeto. Após a enunciação do objeto e do termo *moribundum*, ou seja, “que está morrendo”, surge uma oração subordinada interpolada, que deixa o leitor em suspense em relação ao que virá a acontecer ao rei à beira da morte. Anuncia-se então que as pessoas que estavam ao redor o seguraram, seguido de um novo acusativo, para só então sabermos quem fez a ação, qual é ela na oração principal e de que forma isso se reflete sobre o rei moribundo. A tradução, obviamente,

não faz jus a esta concatenação de ideias bastante peculiar: como se pode observar, é um período em que a ordem dos termos leva a captar e manter a atenção do leitor, especialmente pela utilização de subordinada interpolada e pela ordem dos termos. Chame-se a atenção também para os elementos anteriormente mencionados. Assim, em uma frase tão curta, temos o uso de três formas “densas”, sendo uma delas uma forma nominal e duas delas indicando concomitância de ações, a saber: *moribundum* (que estava morrendo), *excepissent* (seguraram), *fugientes* (enquanto fugiam); além da conjunção subordinativa *cum* (enquanto). No mais, a própria tradução da frase para o português garante a compreensão do sintetismo da língua latina aqui usada.

Por fim, comparemos trechos de três outras obras latinas, cada uma remetendo a um momento diferente do mesmo episódio: a fundação da cidade de Roma. Os dois primeiros são textos legados a nós pela tradição como historiográficos: o *Breviarium* de Eutrópio, e novamente o *Ab Urbe Condita*, de Tito Lívio. O terceiro é extraído da obra *Fasti*, de Ovídio, um longo poema deixado inacabado pelo seu autor, um texto considerado literário. Foram grifados no texto somente as conjunções com idéia de concomitância e as formas nominais *que não seriam morfológica ou sintaticamente necessárias* – isto é, foram excluídas as diversas formas que surgem no texto e que foram consideradas como inescapáveis pela natureza mesma da língua latina. Se estas tivessem sido consideradas, o número teria sido bem maior.

[1] *Romanum imperium, quo neque ab exordio ullum fere minus neque incrementis toto orbe amplius humana potest memoria recordari, a Romulo exordium habet, qui Reae Silviae, Vestalis virginis, filius et, quantum putatus est, Martis cum Remo fratre uno partu editus est. Is cum inter pastores latrocinaretur, decem et octo annos natus urbem exiguum in Palatino monte constituit XI Kal. Maias, Olympiadis sextae anno tertio, post Troiae excidium, ut qui plurimum minimumque tradunt, anno trecentesimo nonagesimo quarto.*

[2] *Condita civitate, quam ex nomine suo Romam vocavit, haec fere egit. Multitudinem finitimorum in civitatem recepit, centum ex senioribus legit, quorum consilio omnia ageret, quos senatores nominavit propter senectutem. Tum, cum uxores ipse et populus suus non haberent, invitavit ad spectaculum ludorum vicinas urbi Romae nationes atque earum virgines rapuit. Commotis bellis propter raptarum iniuriam Caeninenses vicit, Antemnates, Crustuminos, Sabinos, Fidenates, Veientes. Haec omnia oppida urbem cingunt. Et cum orta subito tempestate non comparuisset, anno regni tricesimo septimo ad deos transisse creditus est et consecratus. Deinde Romae per quinos dies senatores imperaverunt et his regnantibus annus unus completus est (Eutrópio, Brev. Hist. Rom. I, 1-2).*

[1]O Império Romano, sobre o qual a memória humana não pode recordar um menor em seu início, ou maior em seu progresso por todo o orbe, tem sua origem em Rômulo; o qual, sendo o filho de uma virgem vestal e, conforme se diz, de Marte, foi dado à luz em um só parto com seu irmão Remo. Ele, enquanto levava uma vida de ladrão em meio aos pastores, fundou, quando tinha dezoito anos de idade, uma pequena cidade no monte Palatino, no vigésimo primeiro dia de Maio, no terceiro ano das sextas Olimpíadas, e, conforme mais ou menos se considera, o trigésimo nonagésimo quarto após a destruição de Tróia.

[2] Após fundada a cidade, que ele chamou Roma a partir de seu nome, ele prosseguiu como se segue. Ele recebeu um grande número de habitantes vizinhos na cidade; escolheu cem dos homens mais velhos, cujo conselho ele seguia em tudo, e os quais, por causa de sua idade, foram chamados *senatores*. Então, como ele mesmo e seu povo não tinham esposas, convidou para um espetáculo de jogos as tribos vizinhas à cidade, e raptou suas jovens mulheres. Levados à guerra por causa da injúria dos raptos, ele venceu os Caeninenses, os Antemnates, os Crustumini, os Sabinos, os Fidenates, os Veientes; todas estas cidades ficam ao redor da cidade. E então, quando uma tempestade surgiu, no trigésimo terceiro ano de seu reinado, ele nunca mais foi visto, acredita-se que foi levado aos deuses e consagrado (deus). Os senadores então governaram em Roma por períodos de cinco dias, e sob seu governo um ano se passou.

[6] (...) *Ita Numitori Albana re permessa Romulum Remumque cupido cepit in iis locis ubi expositi ubique educati erant urbis condendae. Et supererat multitudo Albanorum Latinorumque; ad id pastores quoque accesserant, qui omnes facile spem facerent parvam Albam, parvum Lavinium prae ea urbe quae conderetur fore. Intervenit deinde his cogitationibus avitum malum, regni cupido, atque inde foedum certamen coortum a satis miti principio. Quoniam gemini essent nec aetatis verecundia discrimen facere posset, ut di quorum tutelae ea loca essent auguriis legerent qui nomen novae urbi daret, qui conditam imperio regeret, Palatium Romulus, Remus Aventinum ad inaugurandum templa capiunt.*

[7] *Priori Remo augurium venisse fertur, sex voltures; iamque nuntiatio augurio cum duplex numerus Romulo se ostendisset, utrumque regem sua multitudo consalutauerat: tempore illi praecepto, at hi numero auium regnum trahebant. Inde cum altercatione congressi certamine irarum ad caedem vertuntur; ibi in turba ictus Remus cecidit. Volgatior fama est ludibrio fratris Remum novos transiluisse muros; inde ab irato Romulo, cum verbis quoque increpitans adiecisset, "Sic deinde, quicumque alius transiliet moenia mea," interfectum. Ita solus potitus imperio Romulus; condita urbs conditoris nomine appellata (...) (Tito Lívio, *Ab Urbe Condita*, I. 6-7).*

[6] (...) Após o governo de Alba ter sido transferido para Numitor, Rômulo e Remo foram tomados pelo desejo de construir uma cidade no lugar onde eles haviam sido expostos. E como havia excesso de população de albanos e latinos, a estes foram adicionados os pastores: era natural acreditar que Alba seria pequena e que Lavinio seria pequena em comparação com a cidade que havia de ser fundada. Perturbava estes pensamentos uma antiga maldição – a ambição de um rei – que levaria a uma briga deplorável o que em princípio seria um assunto trivial. Como eles eram gêmeos e nenhum pedido de precedência podia ser baseado na idade, eles decidiram consultar as divindades tutelares daquele lugar para augúrios em relação a quem deveria dar o nome à nova cidade, e quem deveria governa-la após ter sido fundada.

De fato, Rômulo escolheu o Palatino para sua cidade a ser inaugurada, e Remo, o Aventino.

[7] Diz-se que Remo foi o primeiro a ter recebido o sinal: seis aves negras apareceram para ele. O augúrio tivera ao mesmo tempo sido anunciado para Rômulo quando o dobro daquele número aparecera para ele. Cada um foi saudado como rei por sua própria população: um lado baseado na precedência, o outro no número buscavam o reinado. Então logo se seguiu uma disputa, uma ardente batalha levou ao derramamento de sangue; no tumulto, Remo foi morto. O boato mais popular é que por causa da mentira do irmão, Remo teria pulado os muros recém-erguidos e fora morto pelo irado Rômulo, que exclamou: “Assim será daqui por diante com cada um que pular meus muros” Assim, Rômulo se tornou o primeiro governante, e a cidade que fora fundada foi chamada a partir do nome de seu fundador. (...)

<i>Romulus et frater pastoralisque iuventus</i>	365
<i>solibus et campo corpora nuda dabant.</i>	
<i>Vectibus et iaculis et misso pondere saxi</i>	
<i>bracchia per lusus experienda dabant.</i>	
<i>Pastor ab excelso 'per devia rura iuencos,</i>	
<i>Romule, praedones, et Reme', dixit 'agunt.'</i>	370
<i>Longum erat armari: diversis exit uterque</i>	
<i>partibus, occursu praeda recepta Remi.</i>	
<i>Ut rediit, veribus stridentia detrahit exta</i>	
<i>atque ait 'haec certe non nisi victor edet.'</i>	
<i>Dicta facit, Fabiique simul. Venit inritus illuc</i>	375
<i>Romulus et mensas ossaque nuda videt.</i>	
<i>Risit, et indoluit Fabios potuisse Remumque</i>	
<i>vincere, Quintilios non potuisse suos.</i>	
<i>Forma manet facti: posito velamine currunt,</i>	
<i>et memorem famam quod bene cessit habet.</i>	380

(Ovídio, *Fastos*, II. 365-380)

Rômulo e seu irmão, e um pastorzinho exercitavam seus corpos nus no prado banhado de sol. Eles experimentavam a força de seus braços no esporte, com alavancas e dardos ou jogando pedras pesadas. Um pastor gritou do alto: “Rômulo, Remo, ladrões estão levando o gado pelo terreno baldio.” Levaria muito tempo ter se armado: eles pegaram caminhos opostos: e encontrando-os Remo tomou-lhes a presa. Quando retornou, ele tirou as entranhas chiantes das oferendas, e disse: “Certamente apenas o vencedor deverá comer isto” Fez o que disse, e também Fábio. Rômulo retornou, sem sucesso, encontrando a mesa vazia e os ossos nus. Ele riu e lamentou que Remo e os Fábios pudessem conquistar o que seus próprios Quintílios não podiam. A história do feito permaneceu: eles corriam nus e o sucesso conquistado gozava de grande fama.

Pode-se observar que a grande sintetização dada pelo uso das formas nominais e das subordinadas impede mesmo uma tradução mais literal do texto, visto que a língua portuguesa, sendo um idioma eminentemente analítico, não dispõe do aparato

lingüístico para que se diga com poucas palavras o significado das estruturas latinas. Por outro lado, é interessante observar também a extensão dos períodos: enquanto no texto lírico a maior parte das frases se estende por apenas um dístico (dois versos), ou menos, nos parágrafos em prosa elas são bastante longas e complexas. Isso leva a um menor uso de orações subordinadas e, portanto, de conjunções subordinativas. Além disso, no texto de Ovídio o uso de formas nominais não necessárias é bem mais restrito.

Por fim, é interessante observar ainda nos trechos dados como exemplo que a escolha vocabular é bem diferente da usada por Ovídio. Não há, nos trechos de Eutrópio e Tito Lívio, uso de arcaísmos, helenismos, palavras rebuscadas, etc., muito comuns na poesia latina. Em Eutrópio, podemos inclusive perceber que a ordem dos termos é a mais clara possível, facilitando a compreensão,

Seria proveitoso um mergulho mais fundo e detalhado nesta questão da textura nas obras latinas, trazendo para análise outros elementos mencionados por Subrahmanyam. Destaco em especial a análise lexical e o que diz respeito ao uso dos tempos verbais. Parece-me que o uso do presente histórico no latim, principalmente em comparação às formas do aoristo grego, por exemplo, pode levar a conclusões bastante sólidas – sem exclusão é claro dos demais elementos, os quais não pude analisar nestes breves comentários.

Referências Bibliográficas

- EUTROPIUS. *Breviarium Historiae Romanae*. Consultado de: <http://www.thelatinlibrary.com/eutropius.html>. Acessado em 05/03/2010.
- HARTOG, François. *Regimes d'historicité. Présentisme et expériences du temps*. Paris: Seuil, 2003.
- MARTIN, René; GAILLARD, Jacques. *Lês genres litteraires à Rome*. Paris: Nathan, 1990.
- OVIDE. *Les Fastes: Livres I – III*. Trad. R. Schilling. Paris: Les Belles Lettres, 1993.
- RAO, Velcheru N. Barayana; SHULMAN, David; SUBRAHMANYAM, Sanjay. *Textures du temps. Écrire l'histoire em Inde*. Paris: Seuil, 2004.
- TITO LIVIO. *História de Roma – livro I: a monarquia*. Trad. Monica Vitorino. Belo Horizonte: Crisálida, 2008.

VEYNE, Paul. *Acreditaram os gregos em seus mitos?* Lisboa: Ed. 70, 1987.